

Verbas tiram Saúde

CIDADE

BRAZILIENSE

da UTI, mas é pouco

O secretário de Saúde, José Richelieu, disse ontem que se o presidente Fernando Collor não olhar com muito carinho para Brasília a situação da saúde no DF vai ficar insustentável. Os recursos liberados recentemente, Cr\$ 640 milhões, só vão dar para tirar o sistema da UTI. "Vamos conseguir respirar, mas será necessário muito mais para fazer funcionar os hospitais e os centros de saúde", afirmou.

Richelieu explicou que a regionalização, a hierarquização e a descentralização do sistema de Saúde do DF já existia antes mesmo da implantação da Suds, em 1987. "Teoricamente não há nada mais correto, mas na prática não funciona porque não conseguimos descentralizar o atendimento. O Hospital de Base, por exemplo, que deveria servir apenas ao setor terciário e quaternário, ainda atende às clínicas básicas porque não temos recursos para equipar os centros, os postos e os hospitais regionais", justificou.

A capacidade instalada do sistema de saúde do DF, segundo

ele, está defasada desde 1984, e com uma agravante: "Atendemos o entorno próximo e o entorno longínquo", assegurou. Richelieu lembrou que levantamentos recentes feitos por profissionais da Saúde concluíram que de cada cem atendimentos que o entorno recebe 90 são prestados no DF.

O mesmo relatório, explicou, indica que nestas cidades vizinhas a Brasília cerca de cem ambulâncias têm como única função trazer pacientes para o DF. "Quando o diretor do Hospital Regional do Gama fala que medicina não é geografia e que o atendimento na rede deve ser feito a qualquer cidadão, em parte ele tem razão, pois deve-se referir à situação atual de completa carência", disse o secretário de Saúde.

O sistema no DF, disse ele, prevê a regionalização em relação ao paciente, a descentralização quanto ao atendimento e a hierarquização quanto às patologias. Tudo isso levaria, teoricamente, a um atendimento rápido e próximo da residência, melhor controle de pacientes e à

possibilidade de participação comunitária. O que ocorre, entretanto, é que o HBB não foi transformado em hospital de referência porque os regionais não foram dotados de estrutura para o atendimento secundário. "A diarréia seria tratada pelos centros de saúde, as pequenas cirurgias pelos hospitais regionais e os transplantes, os estudos e as pesquisas ficariam no Hospital de Base", explicou o secretário.

Seus assessores preparam para a próxima semana documento final sobre a revisão do nível de atendimento do sistema, capacidade instalada dos hospitais — que deverão ter mais 500 leitos dentro de pouco tempo — e as carências de pessoal. O documento será levado ao ministro Alceni Guerra. Richelieu adiantou que a Fundação não tem todo o pessoal necessário à demanda atual, "não temos treinamento sistemático de pessoal também e pela assinatura do protocolo de intenções com o Ministério da Saúde, em breve teremos curso de reciclagem para o pessoal — gerenciamento, relações humanas, relações públicas, entre outros".